

Título

O homem de seis mil dólares

Autor

André Sathler Guimarães

Local de publicação

Revista Ciência e Vida – Especial Filosofia, São paulo, p. 21-27, 01 jun. 2007

O homem de seis mil dólares

Na década de 1980, fez sucesso um seriado de televisão chamado *O homem de seis milhões de dólares*, baseado em um romance homônimo, de Martin Caidin, publicado em 1972. Se esse seriado fosse produzido hoje, talvez tivesse que ser chamado de “o homem de seis mil dólares”, tamanho foi o barateamento da tecnologia e tamanha a sua penetração na sociedade. Munido de fones de ouvidos e microfones miniaturizados, conectados diretamente aos seus celulares, e, por meio deles, à Web, podendo acessar, em tempo real, todo conhecimento e memória humanos, o *homem de seis mil dólares* é um cyborg, na melhor acepção do termo. Ele se move ao mesmo tempo no virtual e no real. Seu corpo é protético e incorporou extensões que multiplicam suas capacidades físicas e mentais.

A Filosofia da Mente tem dedicado parte de sua reflexão para analisar o relacionamento entre o homem e seus artefatos tecnológicos, processo que culmina no que comumente vem se chamando de cyborg, um sistema parabiótico no qual convivem, como parceiros, as mentes e as máquinas. A técnica acompanha o homem desde as suas origens como espécie individuada, mas, foi nos tempos da internet e do ciberespaço que essa relação alcançou um novo patamar.

Tecnologia e Humanização

O componente tecnológico está presente nas origens da espécie humana. Ao contribuir para o processo de hominização, a tecnologia modificou o homem. Quando cria um artefato e o passa a utilizar, o homem o insere, de certa forma, em seu próprio pensamento. Essa capacidade de prolongar em formas inéditas o movimento evolutivo da matéria – criando objetos úteis – e diferenciando as formas de produzir para satisfazer suas necessidades existenciais é singular ao ser humano.

Foi justamente quando começou a discernir a possibilidade de utilizar objetos do mundo físico para obter efeitos úteis, que o homem suplantou o emprego exclusivo dos seus membros para a consecução de suas atividades de sobrevivência. Pode-se dizer que

foi aí que o artefato encontrou o seu valor como elemento constituinte da subjetividade, pois quem o utiliza o incorpora ao seu ser e, doravante, conta com ele como uma parte de seu organismo.

Antonio Damásio (da obra *O Erro de Descartes*) aponta que essa foi uma solução altamente eficiente na trajetória evolutiva da espécie humana, como forma de melhorar suas possibilidades de sobrevivência, o desenvolvimento da capacidade de representação do mundo exterior em termos das modificações que produz no corpo propriamente dito.

Há um intercâmbio de informações entre os artefatos e seus produtores, na forma dos resultados alcançados com a utilização dos mesmos (*feedback*). Não fosse assim, o homem restaria impossibilitado de criar instrumentos com os quais pudesse trabalhar, pois não seria capaz de estabelecer uma relação interpretativa que atribuísse significado aos efeitos produzidos pelos artefatos. Um artefato só é eficaz quando seu uso é internalizado pelo homem, passando a integrar seu conjunto de possibilidades operacionais, em uma espécie de corpo ampliado.

Algumas pessoas costumam dizer que os objetos pensam por nós. Ou seja, quem recebe uma tesoura pela primeira vez, tem uma noção intuitiva de que aquele instrumento será útil para cortar, dispensando o longo caminho de quem concebeu a tesoura pela primeira vez. Isso significa dizer que os artefatos sedimentam as experiências generalizadas dos que os conceberam e utilizaram anteriormente, permanecendo como potencialidades universais para a resolução de um determinado tipo de problema. A atividade instrumental é voltada para a superação de desvantagens morfológicas do humano, ao buscar converter as contingências aleatórias e potencialmente perigosas do ambiente em um mundo objetivo de coisas e acontecimentos previsíveis e controláveis.

Portanto, o paradigma evolutivo da espécie humana esteve, desde o início, marcado por esse crescente poder de disposição sobre as condições ambientais, por meio da técnica. A técnica (*tekhné*) substituiu a magia como uma imunização contra a sorte (*tuché*). O advento da técnica significou, portanto, um movimento gêmeo de expropriação (quando o homem pensa o objeto e o cria) / reapropriação (quando o homem utiliza o objeto e o incorpora), e o *Homo sapiens* passou a se caracterizar por uma abertura para o mundo.

Essa segunda fase do movimento, a reapropriação, é que faz com que os artefatos não sejam simplesmente um depósito externo de idéias, mas sim representem

um salto cognitivo para a humanidade. Elementos não biológicos, como os artefatos, além de ampliarem as capacidades humanas, passaram a alterar nosso senso de identidade. Os seres humanos portam identidades plásticas, abertas à mudanças e continuamente vazando dos limites do corpo, ao agregar mais e mais, entre seus aspectos constituintes, elementos inorgânicos. O ser humano nasce em um ninho no qual seus corpos biológicos atuam concertadamente com artefatos e alavancas inorgânicas para construir, se beneficiar, e então reconstruir uma sucessão infinita de ecossistemas cognitivos.

O que procuramos demonstrar, ao longo desse primeiro tópico, é que a identidade do ser humano é um amálgama, um conjunto de componentes heterogêneos, uma entidade material-informacional, cujas fronteiras são indefinidas, translúcidas e em contínua redefinição. Essa concepção está em flagrante contradição com a visão de pensadores como Descartes. Não satisfeito em ter se tornado famoso em postular, nos tempos modernos, as bases do problema mente-corpo (entendendo o mesmo como uma dicotomia), Descartes postulou também outro problema, o problema corpo-ambiente.

O antagonismo pretendido por Descartes não se verifica nem mesmo nos primórdios da espécie, quando um rele pedação de sílex talhado ou uma pequena marca, para fins localizacionais, em uma árvore, já representavam *exteriorizações interiorizadas* da mente humana, constituindo-se, portanto, em elementos ontologicamente associados à nossa espécie.

Parabiose: o caminho do meio

As máquinas informacionais da atualidade (os diversos tipos de configuração *hardware + software*) não deixam de ser uma espécie de artefato. E, como nos casos anteriores, tanto ampliam determinadas capacidades humanas, como também acabam por transformar a natureza humana.

Usamos o conceito de parabiose – união fisiológica e anatômica, natural ou artificial, de dois organismos, e não o de simbiose, por entendermos que a simbiose pressupõe um papel ativo e o caráter espontâneo da iniciativa das partes envolvidas, o que não ocorre de fato, ainda, quando falamos de máquinas. Os vários tipos de parabiose entre homens e máquinas expandem e alteram a forma dos processos psicológicos que nos fazem ser o que somos. O desenvolvimento dos computadores

digitais agregou ao ser humano meios novos e extremamente avançados para a manipulação externa de símbolos e trouxe a parabiiose a um novo patamar.

Há duas formas de se entender um artefato – os pontos de vista pessoal (o impacto que o artefato causa no indivíduo) e sistêmico (em que medida o conjunto artefato + indivíduo é diferente do que cada elemento considerado isoladamente). Se considerarmos a questão por um ponto de vista pessoal, os artefatos não nos fazem mais espertos, simplesmente alteram a tarefa a ser realizada. Essa é a opção dos que insistem em dizer que os computadores são apenas máquinas que somente fazem o que foram programadas para fazer. Do ponto de vista sistêmico, o conjunto “pessoa + artefato” tem propriedades emergentes, que superam a soma das propriedades específicas de cada elemento. Estamos entre aqueles que consideram que o conjunto parabiótico homem-computador vai pensar como nenhum cérebro humano jamais pensou. Os usuários de computador da atualidade não são simplesmente mais inteligentes, antes são capazes de apresentar mais formas de comportamento inteligente do que seria o caso em suas condições naturais. Seu campo operatório aumentou.

O ser humano parabiótico é um sistema de pensamento e raciocínio cuja mente está espalhada em componentes orgânico-cerebrais e circuitos de silício. È genuinamente um *cyborg*, em um senso muito mais profundo do que o atribuído comumente pelo imaginário popular – uma combinação superficial de carne e fios. Na origem do termo *cyborg*, seus idealizadores já expressavam um desejo de melhoria das condições do homem para lidar com as variáveis ambientais, o que nos leva ao primeiro tópico do artigo. O corpo protético do *cyborg* apaga as fronteiras e desmancha as coerências que até o presente se apresentaram a nosso agir cotidiano como transcendentalmente necessárias.

Se nos hominimizamos em grande parte devido à nossa habilidade para lidar com instrumentos, agora discutimos em que medida as tecnologias nos transformam em algo radicalmente diferente (o pós-humano) ou simplesmente liberam mais potencial para sermos cada vez mais nós mesmos (o hiper-humano). Os computadores digitais tornaram possíveis parcerias inéditas com os seres humanos, indo além de meramente configurar, formatar ou enquadrar conjuntos complexos de informação, participando ativamente do processo que transforma dados em informação e informação em conhecimento.

Também com as novas tecnologias, e notadamente com os computadores digitais, funcionam os mecanismos de expropriação/reapropriação do objeto técnico.

Quando o corpo é integrado a um circuito cibernético, qualquer modificação do circuito significará uma mudança na consciência. O corpo do cyborg não é um sujeito, mas um objeto, sujeito à engenharias e reengenharias, ampliando suas capacidades e projetando sua presença para locais remotos e para dentro dos espaços virtuais. Simulações eletrônicas tomam o lugar dos estímulos do mundo real, trazendo ao corpo do cyborg sensações mais intensas do que as suas faculdades perceptivas naturais, inadequadas para a sobrevivência em um novo ecossistema intoxicado de informação e plurissensorial.

Sistemas parabióticos e as condições de sobrevivência

O mundo atual apresenta uma grande e crescente intensificação dos estímulos nervosos, como um resultado da alteração brusca e ininterrupta entre estímulos exteriores e interiores. As novas tecnologias de informação e comunicação têm gerado um padrão de descontinuidade aguda, contida na necessidade de apreensão com uma única vista de olhos e no inesperado de impressões súbitas. O ambiente penetrantemente tecnológico da atualidade contrasta profundamente com o ambiente anterior (selvático/agrário), no que diz respeito aos fundamentos sensoriais da experiência humana, extraíndo do ser humano uma qualidade de consciência diferente. Essa consciência precisa estar apta a lidar com um novo tipo de ambiente (ecossistema cognitivo), em que predomina a percepção da simultaneidade, da fragmentação e do descontínuo.

Por ecossistema cognitivo, entende-se o macroambiente, com suas formas heterogêneas e caóticas de selecionar e acumular memes e configurar, situadamente, determinados arranjos especiais de vivência. Um determinada configuração do ecossistema cognitivo, dadas as suas imbricações sóciotécnicas, restringe e condiciona as formas de pensamento de uma sociedade. No novo ecossistema cognitivo, há um coletivo de homens e coisas, dinâmico e povoado por singularidades atuantes, transgredindo as fronteiras tradicionais entre espécies e reinos (mineral / animal). O paradigma desse novo ecossistema cognitivo é informacional. Nesse contexto, tudo o que for capaz de produzir uma diferença (informação) candidata-se a ser uma entidade atuante do ecossistema, definida pela própria diferença que produz. Sob essa ótica, podemos classificar simetricamente homens e dispositivos técnicos como entidades do novo ecossistema cognitivo.

É importante ressaltar o caráter de abertura desse novo ecossistema cognitivo, sendo indefinido o número de artefatos que podem ir sendo incorporados a essa construção de coletivos híbridos e circuitos crescentes de complexidade. O novo ecossistema cognitivo agrega uma quarta dimensão, noológica, ao mundo da vida.

Perdido em meio a essa nova cartografia, o ser humano estaria a necessitar de um novo salto evolutivo, desta vez dado a partir de si mesmo, com o uso crescente das tecnologias de informação e comunicação. Estaríamos assistindo ao homem assumindo as rédeas de sua evolução, criando formas de sobreviver imerso na pluralidade sensorial das urbanidades, da convivência com multidões, da comunicação instantânea e da telepresença. Um passo necessário e importante, uma vez que nossa mente foi originalmente desenvolvida pela evolução para lidar com os pequenos bandos coletores de alimentos, com no máximo 150 membros, e com as paisagens relativamente estáticas das savanas, onde nossa Família passou 99% de sua existência.

O grande desafio para o futuro é integrar os desenvolvimentos das novas tecnologias de informação e comunicação ao modo de vida dos usuários e, principalmente, propiciar sua interação com o agente orgânico. Tato e visão já não serão suficientes para absorver a quantidade de informações disponíveis e continuamente geradas, e os computadores pessoais deverão se tornar cada vez mais ativos na interação com o ser humano, agindo como uma extensão de suas faculdades naturais. As tecnologias de informação e comunicação serão próteses mentais, proporcionando mixagens cognitivas complexas e cooperativas, e imprescindíveis para a uma plena realização do cidadão do futuro. As próteses alteram nossa corporeidade e, conseqüentemente, nossos processos dialógicos. As novas linguagens que estão surgindo nas salas de chat e nas trocas de SMS são apenas a ponta desse iceberg.

Para que brigar?

Recentemente falecido, Jean Baudrillard dizia que o melhor, em termos do confronto entre inteligência artificial e inteligência natural, era que a partida fosse eternamente adiada. Computadores e cérebros são ontologicamente diferentes, construídos a partir de princípios completamente distintos e usando bases físicas específicas (carbono e silício). Cérebros são auto-aprendentes, computadores são programados; computadores executam perfeitamente suas instruções, cérebros são

flexíveis e tolerantes à falhas; computadores têm um controle central, cérebros não tem qualquer tipo de controle centralizado.

Essas diferenças irrenunciáveis, contudo, não impedem que computadores inteligentes venham a ser construídos. Porém, na nova perspectiva da pesquisa em IA, essas máquinas inteligentes surgirão a partir de um novo conjunto de princípios sobre a natureza da inteligência e não da tentativa de replicá-la. Provavelmente, as aplicações mais bem-sucedidas de IA surgirão em áreas nas quais a inteligência humana tem dificuldades, como áreas para as quais nossos sentidos são inadequados, ou áreas que exijam tarefas repetitivas e tediosas.

Graças à plasticidade de seu sistema nervoso, os seres humanos têm facilidade em usar instrumentos e, com o tempo, incorporar o seu uso, de modo que os instrumentos passem a fazer parte de seu complexo cognitivo. Inicialmente, com instrumentos mecânicos, o objetivo maior era a ampliação da força física e do alcance espacial de seus membros. Com os computadores digitais, surgiu, pela primeira vez, um instrumento que trouxe a possibilidade de expansão das faculdades mentais. Da parceria entre mentes e máquinas surge um novo tipo de organismo parabiótico, que será fundamentalmente diferente do *Homo sapiens* comum.